

## orientes médio



# Yasser Arafat (1929-2004)

Palestinosoram em torno do túmulo de Iasser Arafat (13/11/2004)/Reuters

**Guerreiro que se transformou em líder político, encarnação da causa nacionalista palestina, terminou seus dias tratado como um pária por americanos e israelenses**

Armando **Sartori**

Terrorista. Pacificador. Guerrilheiro. Libertador. Autoritário. Centralizador. São adjetivos que podem ser, dependendo do ponto de vista, aplicados a Mohammed Abdel Raouf Arafat al-Qudwa Al-Husseini, ou, como era mais conhecido, Iasser Arafat, o líder palestino morto aos 75 anos na França na primeira quinzena de novembro, vítima de mal não determinado.

Para a maioria dos israelenses, Arafat era principalmente um terrorista – afinal, ele passou boa parte de seu mais de meio século de militância combatendo-os, inclusive com métodos terroristas. Mas, para os palestinos, ele foi a própria encarnação de sua nacionalidade.

Amnon Kapeliouk, jornalista israelense, autor da biografia “Arafat, o irreduzível”, disse em entrevista concedida a *O Globo* que na guerra árabe-israelense de 1948, quando da criação de Israel, os palestinos tiveram duas catástrofes: uma foi a dos refugiados; a outra, a do seqüestro de sua causa nacional pelos líderes árabes. “A palavra Palestina foi apagada. Falava-se apenas do problema dos refugiados. Arafat entra em cena no fim dos anos 1950 e diz que falar só dos refugiados não bastava. Há

também um povo, direitos nacionais e é preciso lutar por isso. Foi ele que expressou os votos, os desejos dos palestinos de ser como os outros povos árabes: soberano sobre sua própria terra”.

A longa militância de Arafat não pode ser exposta em detalhes a não ser que se disponha das cerca de 500 páginas que a obra de Kapeliouk tem. Mas, o exame de alguns de seus episódios mais significativos ajuda a entender a importância do presidente da Autoridade Nacional Palestina e sua trajetória de altos e baixos. A começar pela fundação do movimento Fatah, no final da década de 1950, no Kuwait, mencionada pelo jornalista. Arafat foi para o país do Golfo Pérsico em 1956. Em 1959 ele e outros companheiros criaram o grupo que tinha como objetivo lutar pela fundação do Estado palestino no território da Palestina histórica – isto é, numa área que incluiria também Israel, o que implicava o fim do Estado israelense.

Dez anos depois, ele tornou-se presidente da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), uma entidade guarda-chuva fundada em meados da década para abrigar grupos como o nacionalista Fatah e a marxista Frente

Democrática para a Libertação da Palestina. Dois anos depois da Guerra dos Seis Dias, quando as forças israelenses ocuparam a Faixa de Gaza, a Cisjordânia e Jerusalém Oriental, Arafat tornou-se então o principal líder palestino.

**Mudança radical** Quase duas décadas mais tarde, em 1988, Arafat anunciou numa sessão especial da Assembleia Geral da Nações Unidas (ONU) uma mudança radical: a OLP renunciava ao terrorismo e apoiava “o direito de todas as partes envolvidas no conflito do Oriente Médio de viver em paz e segurança, incluindo os Estados da Palestina, de Israel e outros vizinhos”. Ele chegou à ONU amparado no sucesso da Intifada, a insurgência dos palestinos dos territórios ocupados. Em 1996, Arafat foi eleito presidente da ANP, a entidade surgida dois anos antes nos Acordos de Oslo (assinados entre a OLP e Israel em 1993), encarregada de governar interinamente áreas dos territórios ocupados até 1999, quando os acordos previam a fundação do Estado palestino.

Problemas políticos de ambas as partes fizeram dessa meta letra morta. Do lado israelense, subiu ao poder o Par-

tido Likud, de extrema direita, associado a setores religiosos que negam o Estado palestino e apóiam a implantação de colônias israelenses nos territórios ocupados.

Do lado palestino, as dificuldades não foram menores. Os Acordos de Oslo foram assinados num momento em que Arafat estava muito fragilizado, isolado internacionalmente, inclusive dos países árabes, em razão do apoio dado ao regime de Saddam Hussein na Guerra do Golfo de 1991. Com os acordos, Arafat e a parte da liderança palestina que o apoiou passaram a ser criticados, tanto por setores mais à esquerda, quanto por grupos de orientação islâmica, como o Hamas, que não aceitaram a aproximação com Israel.

Nos anos seguintes, uma escalada de violência, com atos terroristas cometidos por militantes palestinos contra alvos israelenses, inclusive civis, e ataques das forças de Israel até mesmo a funcionários e instalações da ANP, além de assassinatos de lideranças, deterioraram ainda mais o ambiente.

Em 2001, a eleição de Ariel Sharon – especialmente odiado pelos palestinos por sua atuação como ministro da Defesa na década de 1980 – para o posto de primeiro-ministro em meio à segunda Intifada, radicalizou a situação. Desde março de 2002 Arafat ficou praticamente detido em seu quartel-general, em Ramallah, proibido pelo Exército israelense de movimentar-se – a não ser que quisesse deixar a Palestina para sempre, o que ele recusou.

Tratado, tanto por Sharon, quanto pelo presidente americano George W.

Bush, como uma espécie de pária, um líder em quem não se podia confiar para negociar, Arafat só deixou Ramallah para tratar-se. E para lá voltou morto, duas semanas depois, para ser enterrado.

**Pecados capitais** Numa história de lutas tão longa é impossível não encontrar erros, muitos deles graves. Kapeliouk aponta pelo menos um desses pecados capitais, reconhecido pelo próprio Arafat: o fato de que os palestinos não pensaram o suficiente na opinião pública israelense. “Eles pensavam que ela era um bloco único e não era bem assim. Arafat se deu conta de que era preciso ver a sociedade israelense como ela era e eles não souberam fazer isso. Foi um erro grave”.

Kapeliouk fala também a respeito de dois dos equívocos costumeiramente apontados por críticos de Arafat. O primeiro, seu apoio a Saddam Hussein. Para o jornalista é discutível se de fato tratou-se de um erro. “Arafat não apoiava a ocupação do Kuwait, mas defendia a idéia de que a retirada [das forças iraquianas] deveria ser feita por negociações e não pela força. Quando a guerra estourou, ele ficou do lado de Saddam, mas todo o povo árabe também ficou ao lado de Saddam”.

O segundo é o do episódio das fracassadas negociações com o primeiro-ministro israelense Ehud Barak, patrocinadas pelo ex-presidente americano Bill Clinton, em 2000. O biógrafo lembra, por exemplo, que sobre os entre 3 e 4 milhões de refugiados pa-

lestinos espalhados pelo Oriente Médio em consequência da guerra de 1948, Barak fez a ridícula proposta de somente “aceitar 10 mil em 10 anos”. Como Arafat recusou esses e outros termos, começaram a dizer que ele não era um parceiro para a paz. “Barak diz que ofereceu tudo, e essa mentira ganhou tanto terreno entre os is-

raelenses e em todo o mundo que muita gente acredita que é verdade”. Entre as propostas de Barak incluía-se uma para Jerusalém. “O que Barak propôs? Que toda Jerusalém, inclusive a parte conquistada aos árabes em 1967, permanecesse sob soberania israelense. Aos palestinos, ele daria a administração dos bairros árabes, mas não a soberania”. A questão é que, além de ser sagrada para judeus e muçulmanos (assim como para cristãos), Jerusalém é para os palestinos a terra onde parecem estar fincadas mais profundamente as raízes de seu nacionalismo.

**Berço do nacionalismo** De acordo com o historiador palestino Butrus Abu-Manneh, isso começou em meados da segunda metade do século 19, quando a cidade tornou-se a sede de uma subprovíncia (*sanjak*) especial do Império Otomano, separada da Síria, à qual pertencia até então, e ligada diretamente a Istambul. Esse status especial durou até a 1ª Guerra Mundial, em 1914. A partir daí a cidade tornou-se o centro político de uma boa parte do território da Palestina, que incluía as regiões de Gaza, Jaffa e Hebron. A nova situação teve implicações políticas profundas: formou-se nos principais centros urbanos da região, especialmente em Jerusalém, uma elite política, econômica e administrativa, em torno da qual nasceu o nacionalismo palestino. “A existência do *sanjak* de Jerusalém (...) fez muito para determinar o caráter e o futuro da política palestina e contribuiu para a emergência do nacionalismo palestino de uma forma distinta do nacionalismo sírio-árabe”, explica o historiador. Em suma, diz Abu-Manneh, nos 40 a 50 anos que antecederam o primeiro conflito mundial, Jerusalém tornou-se um centro político e administrativo similar a Damasco e Beirute.

Foi em Jerusalém que Kapeliouk, filho de uma família judaica, nasceu, antes da criação de Israel. Isso, segundo ele, tornou mais fácil compreender o que buscava Arafat, que nasceu no Cairo e viveu parte de sua infância na cidade santa: na Palestina daquela época, judeus e árabes viviam lado a lado e sua casa era frequentada pelos inúmeros amigos árabes de seu pai. ■

Clinton, Arafat e Barak (à esq.) em 2000: o fracasso da iniciativa do líder americano caiu sobre as costas do palestino

